

NONA CONTRIBUIÇÃO PARA O RECONHECIMENTO MICROSCÓPICO DOS RESÍDUOS FECAIS DE ORIGEM ALIMENTAR

R. DI PRIMIO

Esta contribuição visa ao reconhecimento dos resíduos fecais de origem alimentar, após longos e penosos regimes, obedecendo à mesma orientação técnica e objetivos dos trabalhos anteriores.

Todos os desenhos, executados pelo autor, são originais.

AMEIXA

Eryobothria japonica, Lindley

É a nossa ameixa comum, denominada nêpera, que, por meio de processos e cuidados especiais, dá exemplares de grandes dimensões, encontrados em certas regiões.

Como elementos comumente constatados nas matérias fecais, são as células pétreas representadas na figura 1.

As dimensões médias são de 90 micra de comprimento por 60 micra de largura.

Menos freqüentes como resíduos são as células alongadas, de comprimento variável, tendo, em média, 20 micra de largura. As paredes são irregulares, onduladas, com algumas depressões. Figura 2. Contém no interior, de maneira paralela, grânulos de pequenas dimensões, de maneira contínua ou interrompida.

Alguns elementos são articulados nas extremidades ou nas partes laterais.

JACA

Artocarpus integrifolia, Forst

Em trabalho anterior já fiz referência aos resíduos da jaca.

A figura 3 representa longos elementos com variável substância no interior que se dispõe de maneira paralela ao grande eixo, contínua ou interrompida. Terminam de forma diversa.

De comprimento variável, têm, como dimensões médias, 50 micra de largura.

As paredes, retas ou onduladas, apresentam saliências cônicas ou ramificações laterais facilmente vislumbradas com médio aumento.

TAMARINDO

Tamarindus indica, L.

Como elementos raramente observados nas fezes pela pouca resistência que oferecem à ação dos sucos digestivos, são as células de formas variáveis, arredondadas, ovais ou alongadas, pouco elevadas, de contorno, às vezes irregular.

Contém no seu interior certa quantidade de grânulos. Apresentam como dimensões médias 215 micra de comprimento por 95 micra de largura. Figura 4.

Freqüentes são os elementos celulares longos, de comprimento variável, limitados por paredes lisas ou com saliências pronunciadas, terminando geralmente em pontas.

Algumas destas fibras, com dimensões médias de 20 micra de largura, apresentam paredes com esclerênquima bem nítido e grânulos que se dispõem paralelamente ao grande eixo. Figura 5.

MAXIXE

Cucumis africanus, L.

As células do maxixe, representadas na figura 6, facilmente destruídas pela ação dos sucos digestivos, têm formas ovais, arredondadas ou alongadas, pouco espessas, com variável proporção de grânulos formando massas esparsas ou em grupos no protoplasma.

Apresentam como dimensões médias 170 micra de comprimento por 100 micra de largura.

Mais resistentes são as formações da parte externa do vegetal, formada de células pentagonais ou quadrangulares com dimensões variáveis de 70 micra de

comprimento por 30 **micra** de largura, de paredes retas ou ligeiramente curvas. Figura 7.

AIPO

Apium graveolens, L.

Pouco encontradiças nas fezes são as células do aipo representadas na figura 8, constituídas de elementos justapostos, de membrana simples, protoplasma hialino, contôrnio regular, alongadas, com dimensões médias de 60 **micra** de comprimento por 20 **micra** de largura, com paredes retas ou ligeiramente curvas.

Outros elementos que, em pequenos fragmentos podem ser observados nas fezes, são formados de células de cinco ou seis lados, de aspecto homogêneo, de paredes retas ou ligeiramente curvas, com dimensões médias de 50 **micra** de comprimento por 30 **micra** de largura. Figura 9.

Mais freqüentes são as células de formação esclerênquima pronunciada, arredondadas ou ligeiramente alongadas com as dimensões médias de 100 **micra** de comprimento por 100 **micra** de largura. Figura 10.

JILÓ

Solanum sp.

Como resíduos eventuais do jiló nas fezes apresentam-se as células arredondadas, ovais ou alongadas, de contôrnios regulares, membrana simples ou resistente, protoplasma hialino, com granulações esparsas ou reunidas. Têm como dimensões médias 170 **micra** de comprimento por 100 **micra** de largura. Figura 11.

ALCACHOFRA

Cynara scolymus, Lin.

Do regime alimentar resultaram

duas observações a respeito dos resíduos microscópicos da alcachofra.

As células da parte basal comestível, representadas na figura 12, excepcionalmente são encontradas nas matérias feccais.

Apresentam-se com forma oval, arredondada ou alongada, membrana simples, contôrnio ligeiramente sinuoso, protoplasma hialino com grânulos reunidos ou esparsos, com dimensões médias de 60 **micra** de comprimento por 30 **micra** de largura.

Pela sua constituição mais resistente são encontradas fibras longas de comprimento variável e largura média de 100 **micra**. Terminam geralmente em pontas, algumas vezes bem acentuadas. Com freqüência as fibrilas aparecem lateralmente sob forma de saliências agudas como demonstra a figura 13.

TECIDO MUSCULAR

A figura 14 representa fragmento de tecido muscular de diminutas dimensões com 150 **micra** de comprimento por 30 **micra** de largura.

Durante o regime alimentar de prova, eventualmente observei elementos com dimensões variando de 900 **micra** de comprimento por 65 **micra** de largura. Figura 15.

Lembram, pelas maiores proporções, os resíduos resultantes da ingestão do charque. No caso deve-se atribuir a eventual anomalia nos fenômenos digestivos.

Este trabalho foi executado, por gentileza, no Laboratório do Professor Olympio da Fonseca Filho, no Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, nos meses de setembro e outubro de 1966.

Ao ilustre parasitologista e insigne cientista, meu sincero reconhecimento.

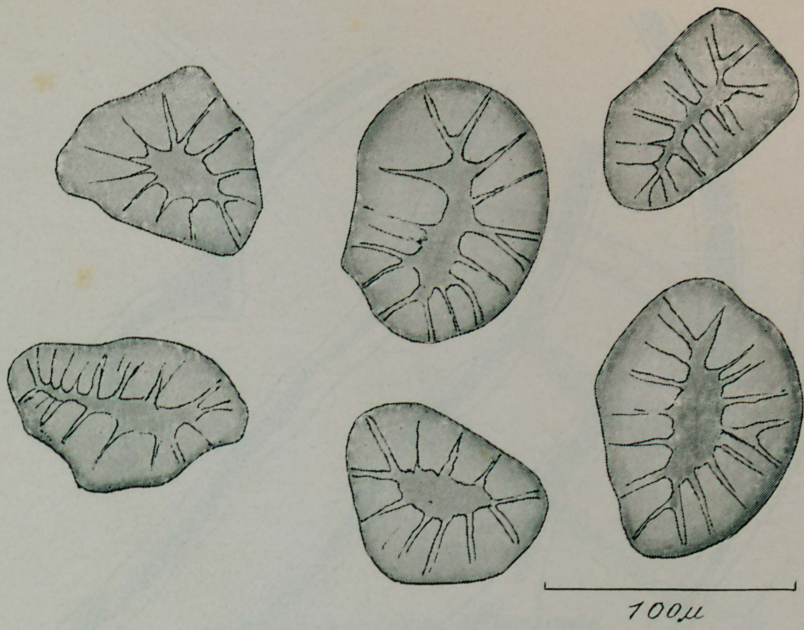


FIG. 1 — Células pétreas da ameixa

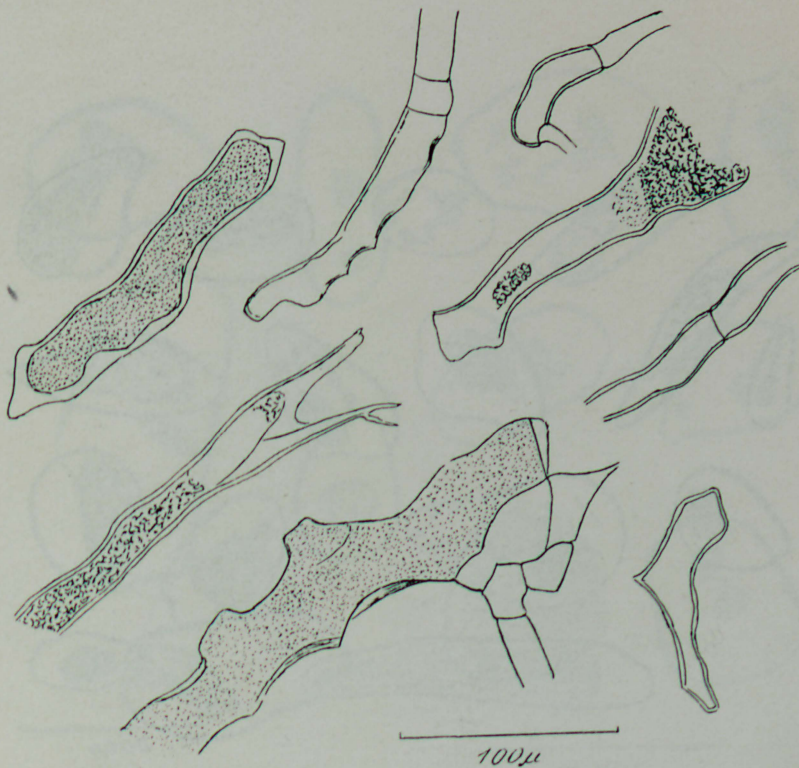


FIG. 2 — Células da ameixa

R. di Primio, del.

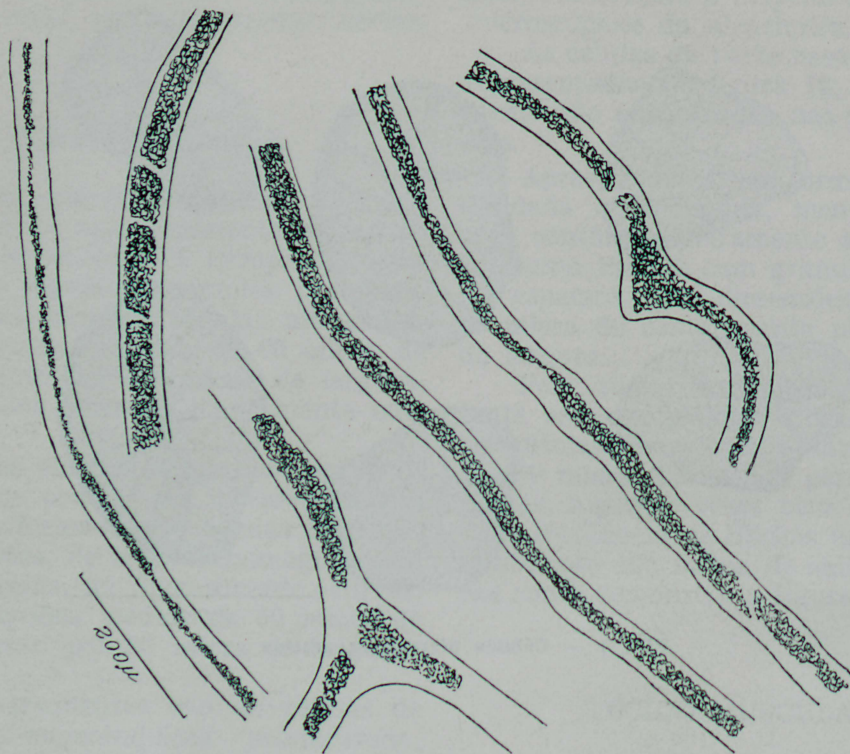


FIG. 3 — Células da jaca



FIG. 4 — Células do tamarindo

R. di Primio, del.

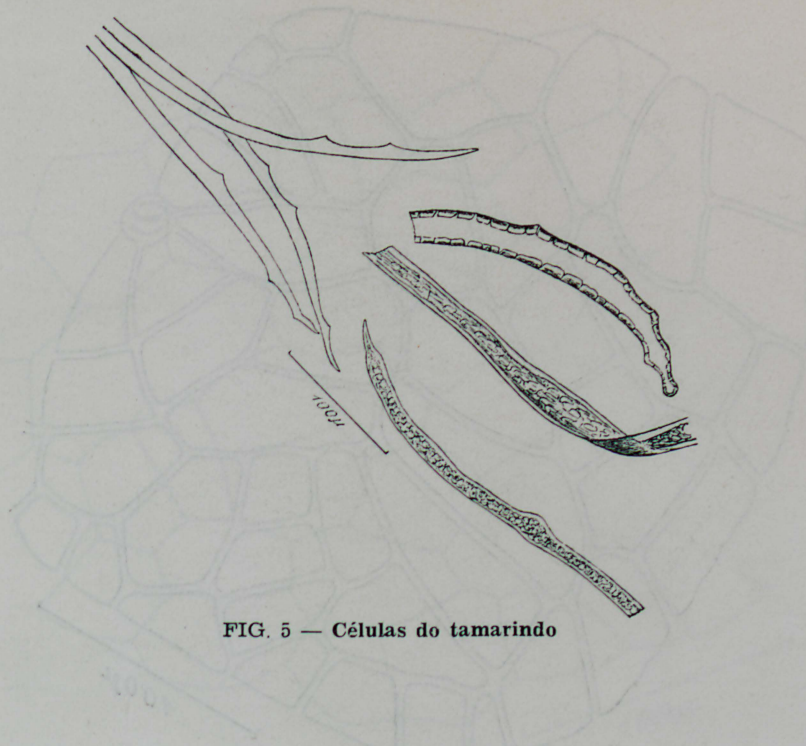


FIG. 5 — Células do tamarindo



FIG. 6 — Células do maxixe

R. di Primio, del.

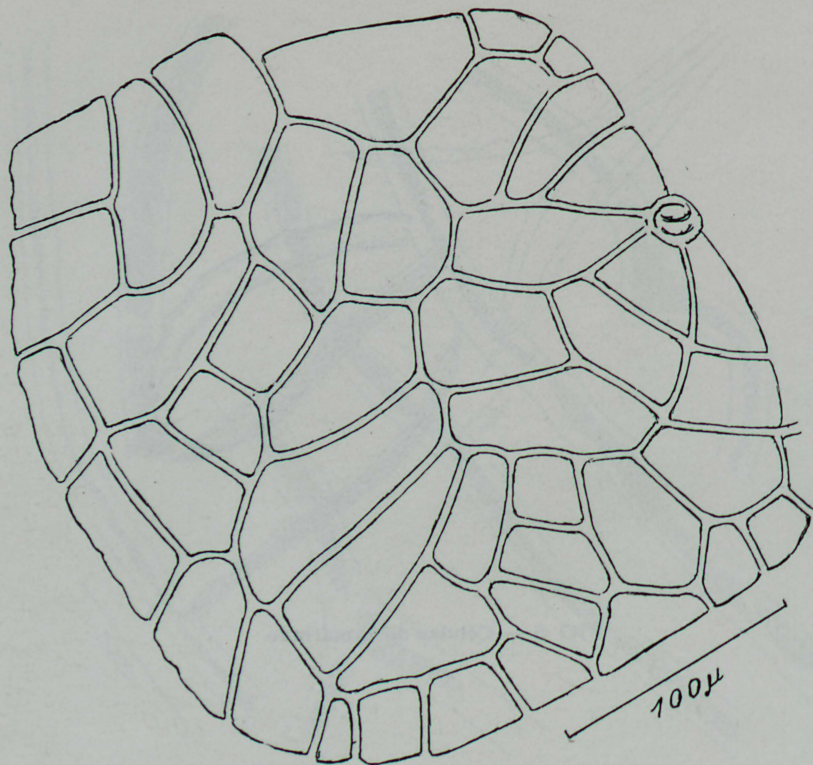


FIG. 7 — Células do maxixe

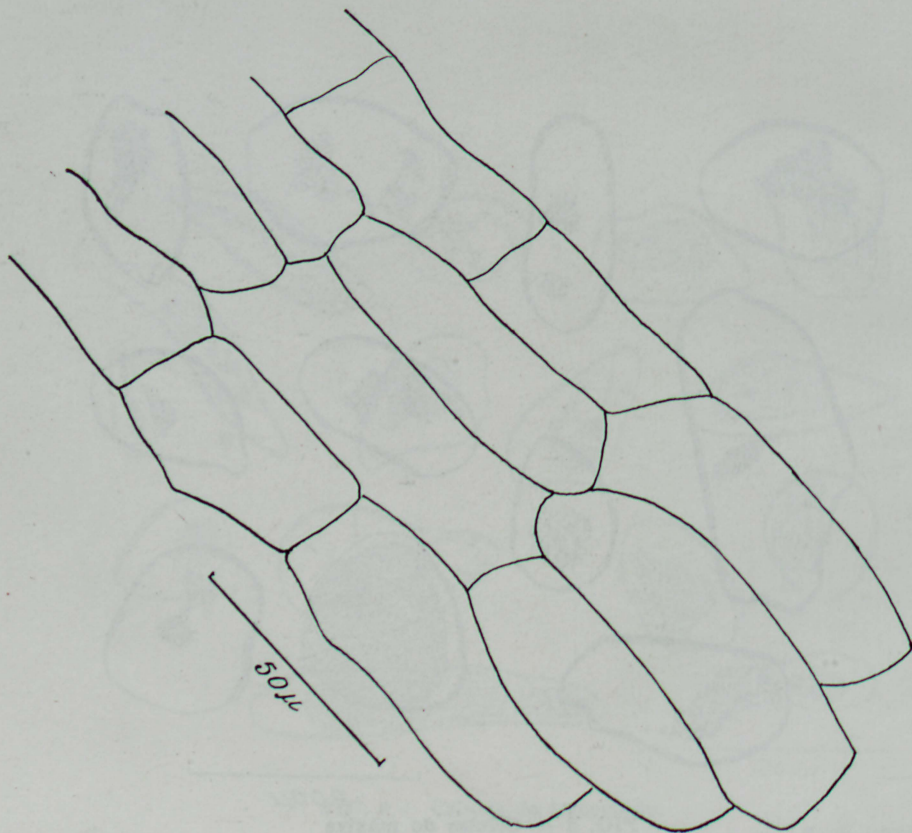


FIG. 8 — Células do alpo

R. di Primio, del.

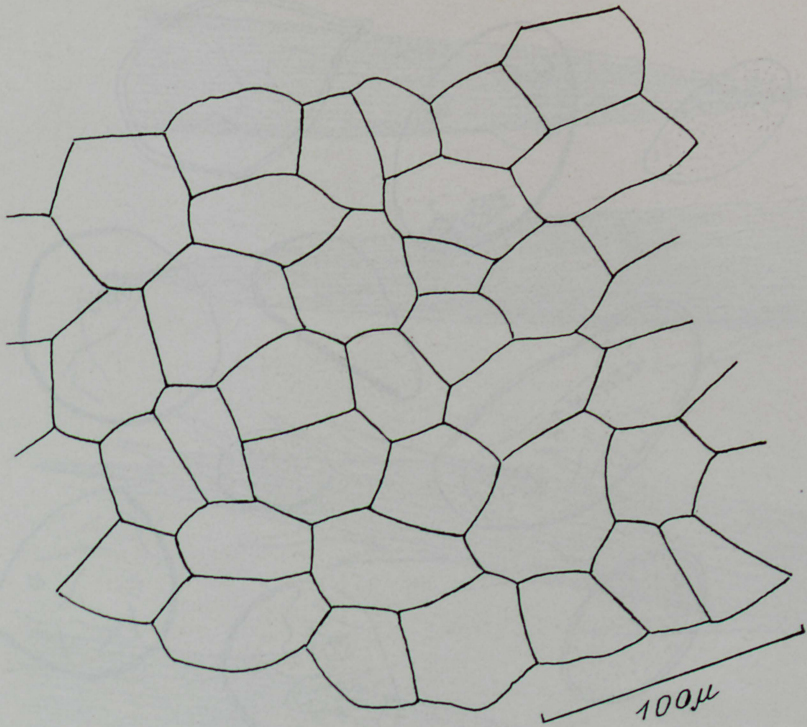


FIG. 9 — Células do aipo

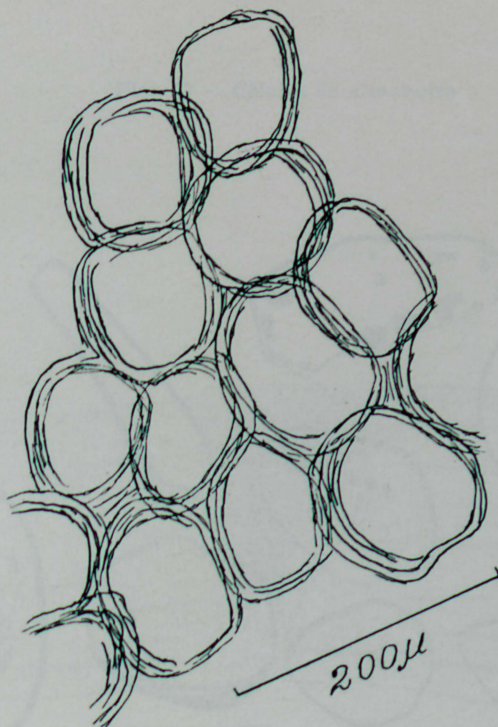


FIG. 10 — Células esclerênquimas do aipo

R. di Primio, del

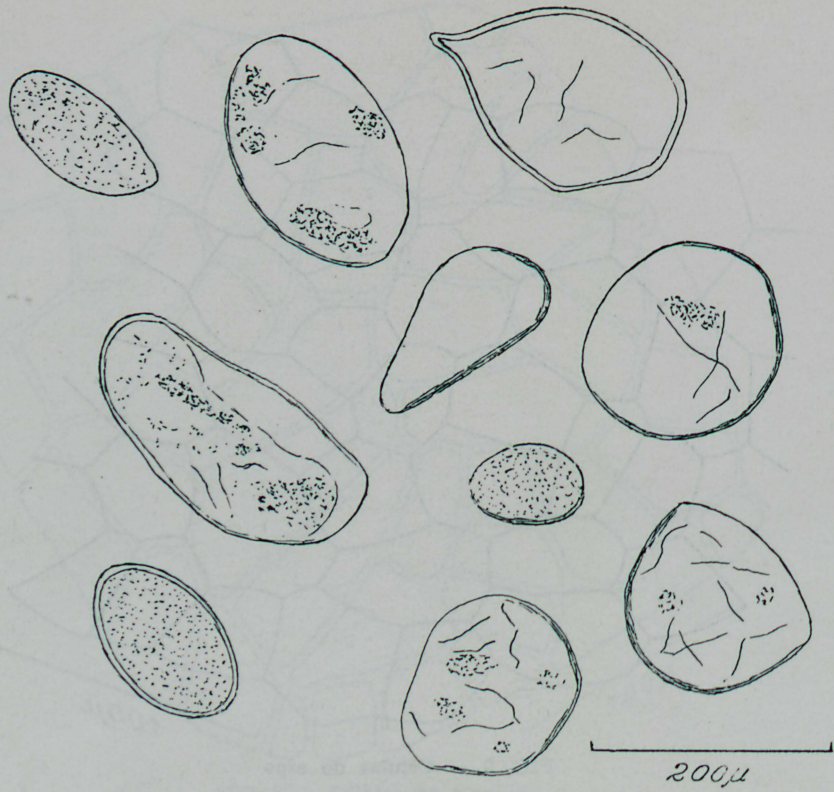


FIG. 11 — Células do jiló

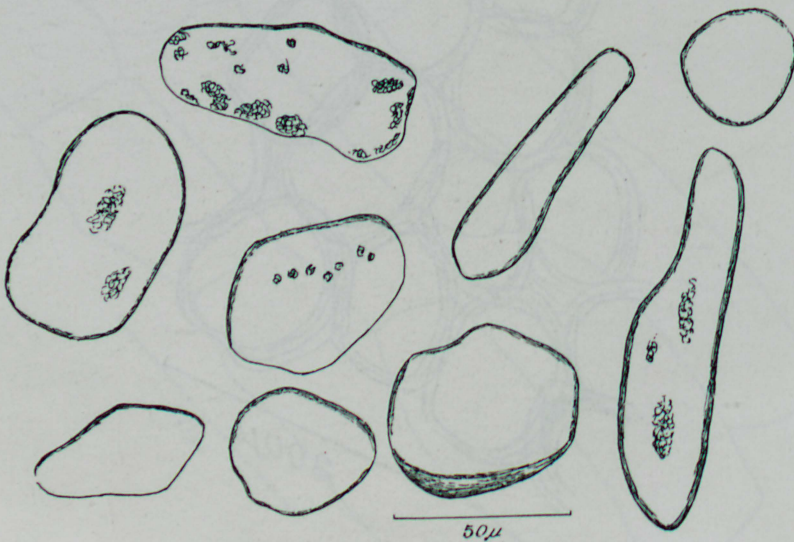


FIG. 12 — Células da alcachofra

R. di Primio, del.

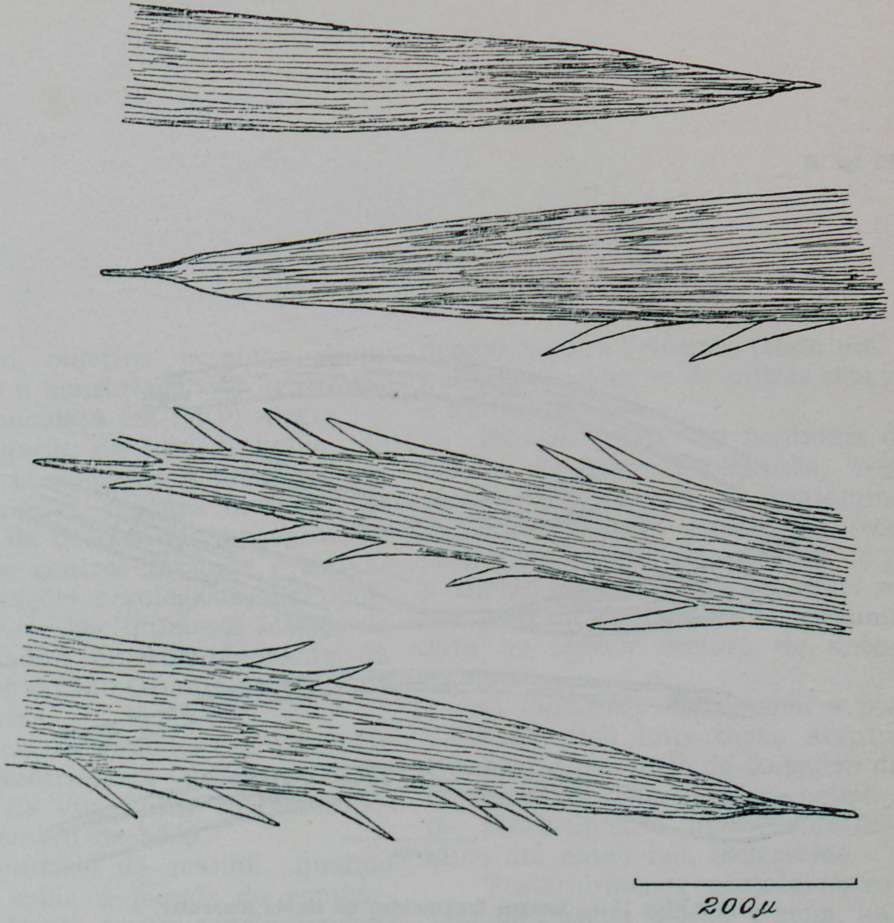


FIG. 13 — Células da alcachofra

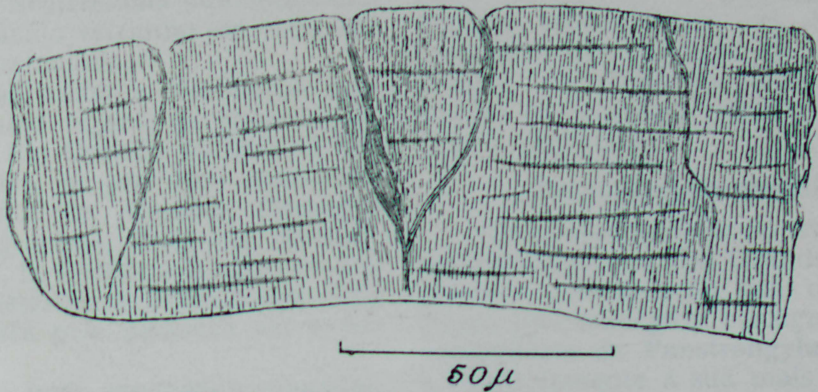


FIG. 14 — Fragmento de tecido muscular

R. di Primio, del.

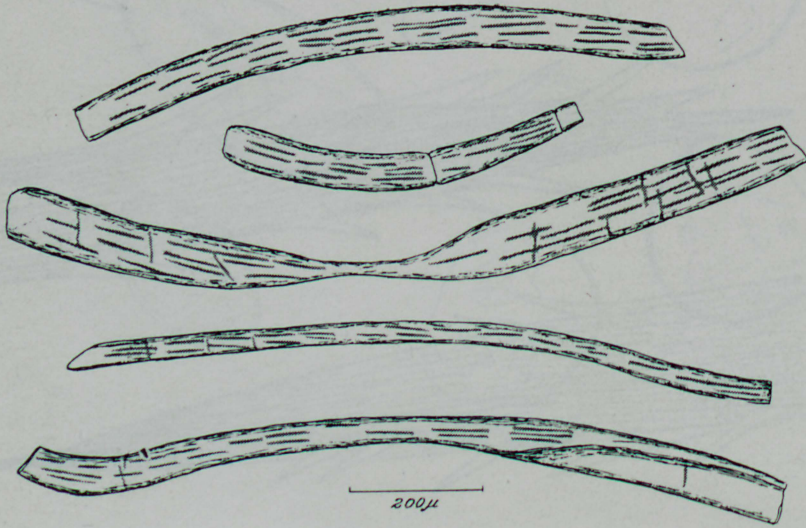


FIG. 15 — Longos fragmentos de tecido muscular.

R. di Primio, del.